

Ela deu aos dois jovens
o maior presente de todos

Doação de um cupido

Por CATHERINE WALD

CHRIS NELSON era um rapaz de 24 anos, descontraído e cheio de energia, que trabalhava es-

forçadamente numa fábrica de sapatos transportando sacos de 22 quilos de substâncias químicas. Nos fins de semana, gostava de passear de bicicleta, chegando a pedalar 50 quilômetros, e de guiar sua motocicleta.

Em dezembro de 1994, porém, Chris começou a sentir-se exausto. Exames revelaram que ele sofria de hepatite C. Seu estado se agravou rapidamente e no dia seguinte ao Natal foi levado de ambulância para o Hospital e Clínica da Universidade de Wisconsin. Pouco depois Chris entrava num coma intermitente.

Na sexta-feira, 13 de janeiro de 1995, os médicos lhe deram uma notícia desanimadora: "Se não conseguir um fígado novo em 48 horas, você vai morrer."

A 500 quilômetros dali, Kristin Gabrielson, 24 anos, lutava para respirar. Alguns dias antes, ela esteve num respirador no Hospital da Universidade de Wisconsin, à beira



'Nada de Medo' - O lema de Meghan serviu de inspiração para a família.

da morte, e embora tivesse sobrevivido à crise, perguntava-se por quanto tempo poderia resistir.

Kristin passara grande parte da vida lutando contra problemas de saúde. Aos 18 anos, foi acometida da doença de Hodgkin. Depois de meses de quimioterapia e radioterapia, o tumor tinha desaparecido, mas a radiação deixou-lhe os pulmões suscetíveis a infecções.

Kristin conseguiu um emprego de meio expediente numa delegacia e se inscreveu em algumas matérias na faculdade; queria ser policial. Seus problemas respiratórios, porém, agravaram-se. Aos 22 anos estava tão debilitada que precisou deixar o emprego.

Finalmente o médico lhe disse que ela era candidata a um transplante duplo de pulmão. A possibilidade de cura deixou Kristin eufórica. Ela agora ficava ligada a um tanque de oxigênio 24 horas por dia e estava tão fraca – seu peso caíra de 65 para 43 quilos – que levava meia hora para subir um lance de escadas.

Sexto sentido

“NÃO!” FOI A primeira reação de Connie Hickerson quando os médicos do Hospital da Universidade de Wisconsin perguntaram se ela doaria os órgãos da filha. Connie sabia que Meghan gostaria que ela concordasse, mas não conseguia decidir-se.

Menos de 24 horas antes, no dia 14 de janeiro de 1995, Meghan – estudante popular e atlética, de 14

anos – estava esquiando com seu grupo da igreja. Meghan se deteve ao chegar a uma rampa para principiantes e em seguida começou a deslizar para trás. “O que faço agora?”, perguntou, rindo, a um espectador. Segundos depois, despencava de uma altura de quase quatro metros num precipício, esmagando a parte posterior do crânio.

O pai de Meghan, Jim, segurou a mão de Connie e lhe disse suavemente: “Pense bem: e se Meghan estivesse numa cama, em algum lugar, esperando um órgão que salvasse sua vida?”

Connie olhou para o corpo inerte da filha e sacudiu a cabeça, sem conseguir aceitar. Durante as seis horas seguintes, embalou Meghan, com tubos e tudo, como a um bebê. As lembranças lhe deram ânimo: Meghan como casamenteira. A filha tinha um sexto sentido sobre pares que se combinavam – e não desistia facilmente de uni-los.

Seu lema sempre tinha sido “Nada de medo”. Toda vez que subia ao palco na apresentação de uma peça e a mãe lhe desejava boa sorte, Meghan sorria e dizia: “Nada de medo, mãe.” E ela *nunca* sentia medo.

Connie cantou as músicas favoritas da filha, incluindo uma a que ela se referia como a “canção do caminho solitário”: “Quando caminhar em meio à tempestade, levante bem a cabeça e não tenha medo da escuridão.” Ao terminar, Connie ajoelhou-se e rezou. *Chegou a hora de deixá-la partir*, pensou.

Presentes inestimáveis

NAQUELE DOMINGO à noite, o telefone tocou na casa dos Gabrielsons.

“Temos pulmões para você”, disse uma enfermeira. Quando Kristin chegou ao Hospital da Universidade de Wisconsin, fez um sinal positivo com o polegar para a família, antes de desaparecer na sala de cirurgia.

Dois andares abaixo do de Kristin, Chris Nelson tinha vaga consciência de que estava sendo preparado para a operação. De repente, tudo escureceu.

O transplante de fígado de Chris demorou dez horas. Quando ele acordou, tinha um tubo na boca para respirar, e por isso o pai lhe entregou uma prancheta e uma caneta. Ainda meio inconsciente, Chris conseguiu rabiscar oito letras: *Amo vocês*. A família começou a chorar.

No entanto, Chris ficou desanimado com a lenta recuperação e o futuro incerto. Ele seria capaz de voltar a trabalhar e se sustentar? Será que encontraria alguém para amá-lo?

A operação de Kristin levou 12 horas; também ela teve uma recuperação difícil. Entretanto, após algumas semanas, pôde pedalar uma bicicleta ergométrica. Antes da operação, ela ficava sem fôlego só ao se pôr de pé, mas agora conseguia pedalar por dez minutos. Lágrimas de gratidão surgiram em seus olhos.

No dia 27 de fevereiro Kris-

tin voltou para a casa da mãe, em Woodstock. Cinco dias depois Chris retornou à casa dos pais em Holmen. O período de internação de ambos no hospital coincidiu durante seis semanas; entretanto eles não tinham se visto.

NA PRIMAVERA Kristin conheceu os pais de Meghan num simpósio de doação de órgãos. Ela ficou tão encantada com a cordialidade de Jim e Connie que não prestou muita atenção ao rapaz que tinha recebido o fígado de Meghan. Chris reparou em Kristin, mas ela não lhe pareceu muito amigável.

Contudo, quando Jim Hickerson viu os dois jovens de 26 anos lado a lado, sussurrou para Connie: “Não seria bom se eles se entendessem? Isso estaria bem de acordo com Meghan.”



© MICHAEL L. ABRAMSON

‘O Que Ela Faria’ – Os pais de Meghan precisaram tomar uma difícil decisão.

Conversa de fim de noite

EM ABRIL de 1996, Kristin foi convidada para participar de uma campanha de arrecadação de fundos para a unidade de transplantes do hospital onde foi operada. Ela lembrou-se de Chris Nelson e se perguntou se ele estaria lá. Para Kristin era importante que um apoiasse o outro, por isso mandou para Chris um cartão bem-humorado.

Chris gostou de receber o cartão e telefonou para Kristin uma noite; logo estavam partilhando suas experiências médicas.

– Meu estado piorou tanto e tão depressa – confidenciou-lhe Chris – que não sei se um dia voltarei a ter saúde de verdade.

– Sei bem o que é isso – disse Kristin. – Sempre que tenho um mau dia, fico achando que vou voltar à estaca zero.

De repente, era meia-noite. Kristin se espantou: mais de três horas tinham se passado! Chris desligou com um sorriso.

Alguns dias depois eles compareceram à campanha. Kristin ficou constrangida, achando que talvez tivesse se exposto demais ao telefone. Então o dia acabou e Chris foi embora.

– Não posso acreditar que eu o tenha deixado ir – Kristin comentou com Connie Hickerson.

– Por que não liga para ele? – perguntou Connie.

Kristin sacudiu a cabeça negativamente e respondeu:

– Não faz meu gênero telefonar primeiro.

– Já lhe contei qual era o lema de Meghan? – indagou Connie. – Era “Nada de medo”. Ela nunca deixou que o medo a impedisse de viver plenamente. E você deve seguir o exemplo.

Naquela noite Kristin deixou um recado na secretária eletrônica de Chris e esperou. Vários dias depois o telefone de Kristin tocou.

– Adivinhe onde estou? – perguntou Chris. – No hospital. Estou fazendo uns exames.

Parecia que seu sistema imunológico estava rejeitando o fígado, e ele voltou ao hospital para os exames.

– Você se incomodaria de receber uma visita? – perguntou Kristin.

– Não, seria ótimo – respondeu Chris. – Você gosta de cinema?

Ah, meu Deus!, pensou Kristin. *Acabo de receber um convite para sair. Há quanto tempo isso não acontece!* Mas seus temores logo terminaram. Depois do cinema, foram jantar e conversaram até as cinco da manhã. Kristin contou a Chris como era difícil sair com as antigas amigas.

– Elas só falam de roupas e festas – disse. – Minhas prioridades mudaram.

– Sei exatamente o que você quer dizer – assegurou-lhe Chris.

No dia seguinte, a cirurgia de exploração não foi concludente, mas comprovou que não estava havendo a rejeição do fígado. Ao acordar da anestesia, Chris perguntou:

– Kristin está aí?

Ela estava. Em pouco tempo os dois voltaram para casa, mas o traje-

**Chris Nelson e Kristin
Gabrielson – Unidos
pela herança de
Meghan.**



to de quatro horas entre eles já não parecia tão longo.

Legado de amor

NUM LINDO dia de junho de 1996, Chris, agora trabalhando numa fábrica de *silk-screen*, levou Kristin para dar uma volta de motocicleta nos arredores de Holmen. O céu estava azul e a temperatura, ideal. Kristin saboreava o vento no rosto e o calor nos braços ao enlaçar o peito de Chris.

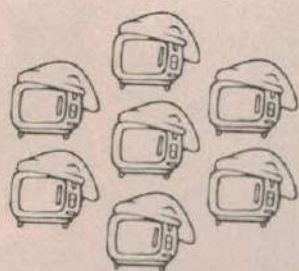
Depois de algum tempo, eles se

aproximaram da sucata de um carro. O veículo era uma espécie de metáfora do corpo de Kristin anos atrás. Ela então reparou num adesivo na janela traseira: "Nada de medo".

De repente, Kristin sentiu a presença de Meghan e pensou: *Ela está nos abençoando*, e apertou Chris um pouco mais, enquanto a moto seguia em frente, ruidosamente.

Chris e Kristin, que trabalha como secretária numa clínica médica, agora moram em Holmen e estão noivos.

EXAGERO NA CONCLUSÃO



Minha mulher e eu trabalhamos fora e por isso, com frequência, usamos comida congelada preparada no microondas. Não sabíamos a influência que isso estava exercendo em nosso filho de 4 anos até o dia em que resolvi ler para ele *Branca de Neve e os Sete Anões*.

Quando cheguei na parte em que a Branca de Neve entra na casa dos anões, narrei:

– Ela viu sete caminhas, sete travesseirinhos, uma mesa com sete cadeirinhas, sete pratinhos de sopa...

Ao que ele me interrompeu, dizendo:

– E sete forninhos de microondas pra esquentar a comidinha deles, né, pai?

–GERMANO RAMLOW NETO, São Paulo (SP)

No meu aniversário minha mulher perguntou:

– Benzinho, você se sente com 42 anos?

– Não – respondi. – Para falar a verdade, não me sinto nem mesmo com 30.

– Bom – comentou minha mulher –, acho que a gente tem a idade que sente.

Nisso nosso filho de 12 anos, que escutava atento a conversa, interrompeu:

– Eu me sinto com 18 anos – disse. – Posso dirigir o carro?

–WILLIAM M. CROUSE, EUA